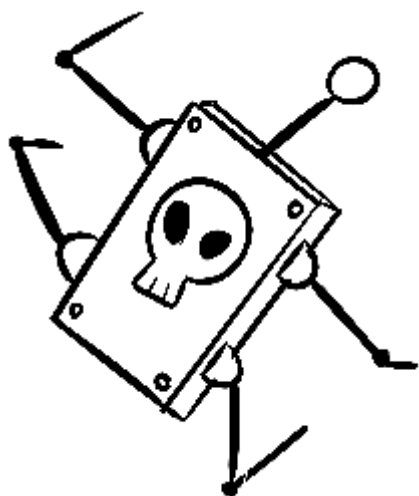

AS
FRONTEIRAS



“Quando o equilíbrio do Novo Mundo é ameaçado, o Governador da Cidade Guia pode invocar a **Lei Púrpura Emergencial**. Sob este decreto, medidas extraordinárias são autorizadas, incluindo vigilância em massa, suspensão de liberdades individuais e o uso irrestrito da força militar. A Lei Púrpura é o símbolo máximo de controle — e do medo que governa o Novo Mundo.”

Livro dos Navegadores, Art.130, Lei Lilás de Acordo

para **Barbs Clicks**

Todas as Ilustrações

Foram feitas por **mim!**

Algumas foram no controlC + controlV

Mas todas feitas por **mim!**

Volume Um
Matt Moura

AS FRONTEIRAS

- CAPÍTULOS -

00 - CINCO SEGUNDOS.....	9
01 - FAMÍLIA HOLLYVER	32
02 - UMA VELHA AMIGA	47
03 - O DESBLOQUEIO.....	74
04 - TATUAGEM, ARQUIVOS E O TRECO	91
05 - O BUCANEIRO	127
06 - MISSÃO CALDO DE ERVILHA.....	153
07 - TOC TOC	173
08 - A CHUVA CHEGOU.....	198
09 - MERCADO SUCATA	223
10 - FLOR&CAOS	246
11 - AMIGOS DE SEGREDOS.....	276
12 - LEI PURPURA EMERGENCIAL.....	312
13 - A CHAVE QUE NÃO ABRE	329



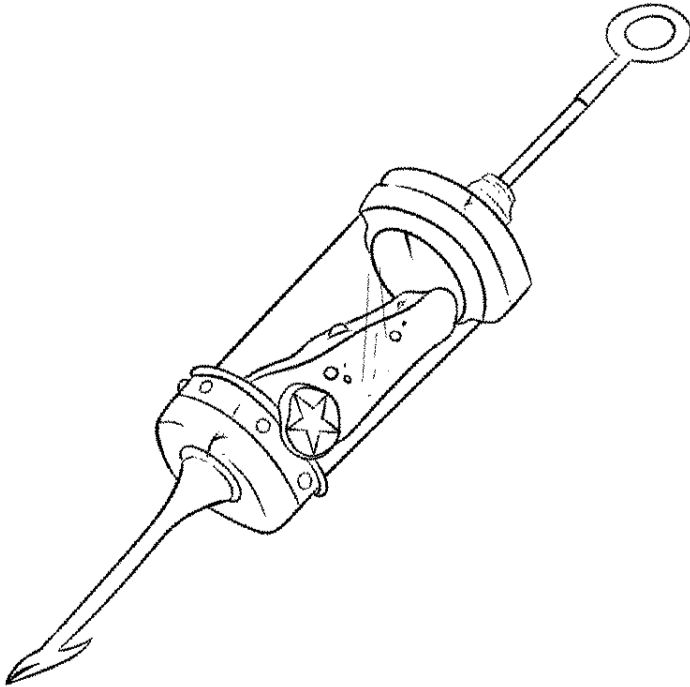






- 00 -
CINCO SEGUNDOS

- PRÓLOGO -





Seus cinco primeiros segundos de vida ao nascer no Novo Mundo, você é apenas um feto ligado ao cordão umbilical de sua mãe, um bebê frio, sem vida, assim que se corta o cordão que lhe mantém entre a vida e a morte, nesses cinco segundos, uma vacina é aplicada no minuscuro pulso esquerdo, uma vacina que trás de volta aquele pequeno bebê pra vida, devolvendo-lhe seu fraco, fino e indefeso choro.

Todas crianças necessitavam dessa vacina para sobreviver as atuais condições que o mundo ainda se mantia vivo, depois que o **MANTO** cobriu a maior parte do planeta terra. Uma areia cinzenta e mortal espalhada pela superfície do globo e tudo o que ela toca chega vira pó. Só restaram quatro grandes cidades que sobreviveram a fúria da natureza e com tecnologia e recursos que sobraram se uniram para criar uma nova sociedade. Um Novo Mundo.

Assim que a vacina era aplicada uma marca surgia, lentamente, começando com um circulo cinza que sintilava uma fraca luz cinzenta. Dois dias depois, pontualmente, aparecia um perfeito desenho de cadeado, do nada, como se alguém o tatuasse. Essa marca bloqueada simbolizava a primeira dose e que em 18 anos,



uma nova dose precisaria ser tomada e sua marca então desbloquearia na cor e com o simbolo de sua cidade, bom, na maioria dos casos.

John Hollyver, assim como a maioria das pessoas que vivem em Cidade Ferro, acordava todo dia antes do sol nascer e já partia para enormes fábricas, sempre quentes e barulhentas, com tinir de engrenagens por toda parte e pistões de vapor que soltavam a todo tempo uma densa fumaça escura para os céus. John um ferreiro habilidoso, trabalhava todos os dias junto com do amigo Mak Bronks, e juntos construíam qualquer tipo de peça de ferro que acharia que fosse um bom artefato para vender no Dia do Mercado.

Normalmente faziam facas, panelas, pilões de tempero de ferro e algumas decorações. E tinha até uma boa clientela que vinha sempre uma vez por mês, só pra comprar seus itens feito com o maior capricho e detalhes.

Quando não estava trabalhando, John gostava de ficar com sua família, seu grande amor Grace e seus filhos tinham dado a aquele simples homem um motivo para viver. Duc Hollyver seu filho mais velho, estava particularmente ansioso aquele ano, pois no ano seguinte estaria indo para o seu desbloqueio e finalmente trabalhar



na fabrica com seu pai e seu amigo Azak Bronks, Filho de Mak.

Juno Hollyver, sua filha mais nova, não parecia gostar das lições de tricô que sua mãe fazia questão de dar para ela e Duc. Juno era observadora e gostava de ler e sempre que conseguia ia a casa da sua vizinha da frente. Karen Finigann, brincar.

[...]

Grace grávida de seis meses forçava Juno a aprender os pontos pra se fazer um suéter, era chato e repetitivo, e depois de fazer o mesmo movimento repetidas vezes, Juno já nem prestava mais atenção, somente quando se furava com uma das agulhas. - Chato, chato, chato... - Susurrava mentalmente toda vez que acertava um ponto.

Ela sentia o cheiro da sopa de legumes de sua mãe e seu estômago deu um salto, não tinha reparado que o sol já estava se abaixando atrás da cortina de fumaça escura emitido pelas fábricas, sabia que seu pai e seu irmão não demorariam para está em casa, sempre vinham depois que o sol ia embora.

Duas coisas a animava naquele momento do dia, sabia que pararia de tricotar com sua mãe e escutaria como foi o dia do seu pai no trabalho, qualquer coisa que



parecesse mais interessante do que, *cruza, passa por dentro e da uma volta*. - Chato. - pensou ela, dando mais um ponto. - Cha...

Mas um barulho seco de algo se espatifando no chão veio do quarto, Juno chegou a tremer na cadeira, o barulho processou no seu cérebro e a única coisa que Juno conseguiu emitir foi um. - Mãe?

E dois gemidos dolorosos veio do quarto, Juno pulou, não foi um ato de coragem, mais foi como um extinto não pensado, logo estava parada no portal do único quarto que tinha na casa.

A visão a fez sentir um arrepio subir tão de presa que até sua cabeça formigou, sua mãe estava escorada em um móvel de ferro que ficava a frente da larga cama de casal, sangue escorrendo em suas pernas, Juno congelou, seus pés colados no chão.

Sua cara de estrema dor, não tranquilizou a menina, Grace começara a suar, olhou para Juno com as sobrancelhas espremidas e ofegante forçando um sorriso, com uma mão apoiada no móvel e outra massageando a barriga, seus cabelos escuros pareciam resecados, como se tivesse suando a um tempo.



- Juno... Mamãe está... Bem. - Forçavam Grace entre o bater do queixo. - Preciso que... Preciso que... - E soltou um grito de contração, que fizeram os olhos de Juno quase saltarem do roto.

Ofegando mais forte, continuou:

- Preciso que vá chamar o papai... na... chamar o papai na fábrica. - concluiu Grace com muita dor.

Não era uma coisa comum, ainda mais aquela hora da noite Grace permitir que a menina saísse na rua, só deixava no máximo ir na casa de Karen Finnigan, a sua vizinha da frente, mas só de manhã.

- Vai Juno. - Disse ela mais fraca.

Sem respirar ela abriu a porta e viu as enormes fábricas ao longe, do miolo ate as fábricas, era uma caminhada de cinquenta minutos, mas ela tomou folego e começou a correr, desceu os cinco degruazinhos de madeira velha da entrada da casa e logo estava na rua correndo para chegar o mais rápido possível as fábricas e tentar se lembrar onde ficava exatamente a fábrica do seu pai.

A rua estava enlameada, Juno já estava sem fôlego, parou para tomar um ar no fim da rua, onde ficava a Farmacia de Cidade Guia, que estava sendo construída.



Logo ela estava correndo novamente, dando grandes tiro de corrida, na sua mente, só aquele sangue escorrendo pelas pernas de sua mãe - será seu irmãozinho tinha morrido? - pensava a todo momento

Sem reparar já estava entre as fábricas, altas e escuras, o sol já tinha quase ido embora totalmente, as ruas já eram iluminada por alguns letreiros luminosos, algumas pessoas já deixavam as fábricas com típicas bandandas no rosto e encarando a menina correndo na direção oposta.

Devia ter feito todo o caminho em 30 minutos e chegou com a boca extremamente seca na fábrica com uma pequena placa mal pintada em cima de uma porta relativamente baixa, *Hollyver - Materiais a Ferro*, A satisfação de ver uma luz amarelada saindo de dentro de uma pequena escotilha fez o coração de Juno acelerar.

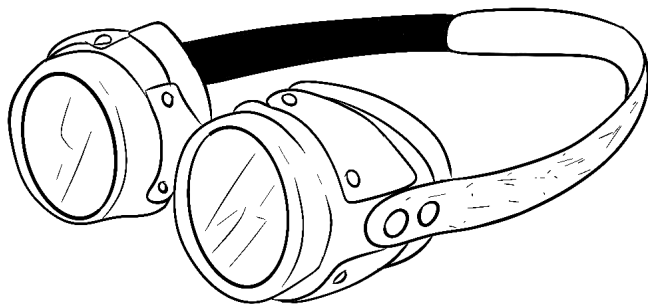
Ela começou a socar a porta equanto chorava, não conseguia formular qualquer palavra que fosse, mas só queria gritar.

Mak abriu a porta, um homem alto, de pele escura e olhos castalhos-claros que refletia o fogo que vinha de dentro da fabrica.



- Juno? - Se assustou Mak vendo a menina quase sem fôlego com seu rosto tão alaranjado quanto seus cabelos ruivos.

- Juno? - Veio uma voz de trás de uma mesa, o homem de bigodes grossos e laranja levantou seus olhos redondos de solda e olhou com seus olhos verdes diretamente para os olhos também verdes da menina.



- Mamãe... - E chorou. - Ma... mãe, ela ta sangrando, nas... Pernas.

A menina soluçava, sentiu a gravidade do que tinha acontecido depois de contar a cena em voz alta.

Duas cabecinhas surgiram do alto da escada, um menino levemente musculo, ruivo e com fiapos de barba espalhado pelo rosto, seu irmão mais velho, Duc, e do seu lado um menino de cabelos volumosos e crespos e uma leve separação no meio dos dentes era evidente, Azak, seu melhor amigo e filho de Mak.



- O que aconteceu pai? - Perguntou Duc.

John já estava sem os oculos de soldar e arrancava o avental, ele olhou para Duc e Azak em cima da escada. - Vá chamar a Sra. Copper, levem ela o mais rápido que conseguirem lá pra casa. - Falou em um tom tão sério que Juno nem reconheceu seu pai.

Duc desceu como um jato, parecia até que tinha saltado daquele mezanino, Azak foi um pouco mais lento ao descer as escadas.

- Vai ficar tudo bem filha, você correu muito, o seu tio Mak, vai levar você pra casa, mas eu preciso ir na frente, pra ajudar a sua mãe. - Falou John do jeito mais sensível que sua mente permitiu naquele momento.

Ele abriu a porta da fabrica e disparou na rua escura, Duc e Azak foram segundos depois dele na direção oposta, sumindo em fumaça e escuridão. As lágrimas de Juno já tinham parado de descer, mas puxava o ar com uma certa tremedeira, como se seu labio inferior fosse puxado junto com ar.

- Calma Juno, vamos pra casa. - Disse Mak fechando a porta de casa.

Os dois estavam apressados, em algumas ruas mais longas Mak se policiava quando percebia que andava a



frente de Juno. - Já estamos chegando. - Foi a única coisa que disse desde quando saíram da fábrica. Mak não era casado, só tinha Azak como filho, sua esposa tinha o abandonado e se mudado para outra cidade.

Juno o achava um bom pai e confiava que a situação talvez tivesse melhorado agora que tinha contado a ele e a seu pai, tinha a sensação de está segura, sempre quando estava perto deles.

Passaram rapidamente pela farmacia que estava sendo construída no final da rua, suas luzes estavam acessas, e o tom Roxo iluminava aquela parte da Rua.

Quando chegaram a porta de entrada o Sr. Bronks parou nos degraus da escada. - O que você acha de esperar cinco minutos na cozinha Juno?

Juno acentiu com a cabeça, na realidade queria saber o que estava acontecendo, mas não quis desobedecer naquele momento de nervosismo.

Ele abriu a porta e por dois segundos enquanto passava no portal do quarto, ela olhou pra dentro, só viu um borrão, um borrão de alguém ajoelhado no pé da cama.

Quando sentou na cadeira da cozinha, ficou mais quieta que conseguiu pra tentar ouvir alguma coisa que



vinha do quarto, sua mãe respirava forte, e gemidos secos e fracos em alguns momentos.

- Calma Grace. - falava seu pai, tão baixo que Juno chegou apertar os olhos na esperança de ouvir melhor.

- Quanto temos? Eu tenho umas 300 estrelas em casa John, vou correndo buscar. - Disse a voz firme de Mak.

- Não temos tudo. - Falou John. - onde está A SRA. COPPER. - disse aumentando o seu tom de voz.

Juno se ajeitou na cadeira.

- Sabe que...

- Sei, mas Grace está em trabalho de parto. - Falou John irritado, entredentes. Juno não podia nem imaginar o pai tendo uma reação como aquela.

- Ela é uma senhora, e mora distante, não pode...

- Não vai dar tempo. - Falou John nervoso. - Vá buscar suas estrelas.

O coração da menina batia em todo seu corpo.

- Vou até a farmácia e vou... Er... - E ele saiu do quarto vendo o rostinho palido e imóvel de Juno olhando fixamente pra parede.



- John acho melhor não, John...

Mas o pai de Juno tinha aberto a porta e disparado dando um salto da escadinha e parando direto no chão.

Mak olhou rapidamente pra Juno, quando John deu um pulo pra fora de casa, estava acontecendo algo, Grace gemia de dor. Juno estava em choque, não falava nada, só olhava sério para o homem, não tinha vontade de chorar e se assustava a cada grito de contração da mãe.

cinco minutos depois a porta se abriu em um estouro, Juno pulou na cadeira e sentiu seu coração bater na garganta. Duc entrara em sua casa com o rosto suado e sendo acompanhado por uma senhora de vestido amarelo com flores pintadas e babados na ponta, atrás de enormes olhos redondos.

Ela tinha um coque grisalho alto, diferente do seu tamanho, era curvada pra frente, carregava uma maletinha branca numa mão enrugada, e na outra uma bengala de pau retorcido.

- Oh Grace querida. - Disse a senhora passando direto sem olhar Juno no escuro da cozinha.

Logo avistou a ponta dos cabelos de Azak subindo as escadas, ele viu Juno na cozinha, olhou para dentro do quarto e tapou o olhos no mesmo momento, se sentiu



meio tonto e se sentou na outra unica cadeira a mesa da cozinha. De frente pra Juno.

- Não gosto de sangue. - Disse Azak parecendo realmente enjoado.

Juno automaticamente teve a visão da sua mãe cospindo sangue em todo o quarto. E sua mãe gritava de dor.

Mak saiu do quarto correndo e desceu as escadas.

- Pai? - chamou Azak, mas não teve retorno, só a madeira dos degraus rangendo ao trotar do pai.

Agora não tinha nenhum adulto e Azak tava com nausea demais pra tomar alguma atitude, era o momento que Juno tinha de ir ver o que estava acontecendo no quarto sem ninguém se entrometer, lá só tinha Duc e a Senhora.

Ela levantou calmamente e foi como desprezenciosamente em direção do quarto.

- Não vai gostar de ver isso. - Disse Azak. - Mas vai lá.

Juno não resistiu, a cena a assustou e tirou a sensação de curiosidade, a senhora segurava um beber quase em um tom azulado e enfiava uma seringa com a



maior agulha que Juno já vira, pensava como a agulha não atravessou a criança, sua mãe estava deitada na cama de casa com as pernas abertas e com uma enorme poça de sangue por toda cama.

Duc estava quase tão azul quanto o beber, estava com um olhar apavorado, segurando a mão de sua mãe e olhando fixamente pra agulha que furava o pulso esquerdo da criança.

- Pai. - Se lembrou Juno pensando alto.

- Juno? - Olhou Duc em direção a menina. - O que você...

E um choro alto tomou conta do quarto, um choro agudo e aparentemente, saudável.

- Bem vinda ao mundo... - Disse a senhora dando uma pausa olhando para a mãe que respirava com dificuldade.

- Lana. - Respondeu Juno.

Foi aí que o chão tremeu, e coisas caíram das prateleiras da cozinha, um clarão forte vindo da janela e por último um som explosivo, alto e sonoro, um barulho tão incomum que todos no quarto gritaram, incluindo Azak na cozinha, isso tudo em apenas cinco segundos.



Juno sentiu seu estômago cair, saiu do quarto derrubando as coisas, não sabe de onde veio esse extinto, mas algo estava te dizendo, queria está errada.

- Juno... - Chamou Azak.

Mas ela foi em uma especie de transe para a porta de entrada e descendo as escadas.

- JUNO. - Falou Azak e Duc ao mesmo tempo.

Ambos desceram atrás da menina, mas algo chamava mais atenção, uma colossal nuvem de fumaça preta que formava um cogumelo no céu, que mesmo escuro e a cidade tendo a sua habitual fumaça, era possível ver, um enorme incêndio acontecia no final da rua, as pessoas corriam na direção contrária que a menina tentava correr.

- JUNO... JUNO PARE. - gritava os dois tentando alcançar a menina, que se lembrou que não bebeu um gole de água desde que sentiu sua boca ressecar na fábrica.

Duc alcançou a menina que se debatia em fúria, suspendendo-a no ar.

- ME SOLTA DUC, O PAPAÍ. - Gritou enquanto socava o irmão da forma que conseguia. - O PAPAÍ.

Duc soltou a menina no mesmo instante.



- Meu pai... - Falou Azak indo em direção ao fogo.

- Aza... - Tentou Duc, indo atrás do amigo.

Na frente da farmácia tinha um corpo jogado no chão, um homem estava caído de costas para o céu com sua camisa totalmente chamuscada e perto de algumas tabuas que ainda queimavam.

Azak chegou primeiro no corpo e o virou para cima, levantando as mãos na cabeça, quando Juno chegou e olhou o rosto do homem jogado no chão, o reconheceu no mesmo momento, Mak Bronks, sua cabeça girou. Era tecnicamente seu tio, e estava estirado no chão, como se dormisse de olho aberto. Juno se sentiu fraca, olhando pros lados não viu mais ninguém, não via seu pai, só uma enorme farmacia em chamas que queimava sem trégua a poucos metros dela, o fogo não se propagava pros lados, mas o calor era tão intenso que deixou seu corpo muito quente, lhe deixou fraca e sem sentir, desmaiou.





Ela acordou na manhã do segundo dia, se sentou com dificuldade na cama, sua mãe estava ao seu lado amamentando um neném muito pequeno.

- Juno. - Saudou a mãe com um sorriso da forma que conseguiu. - Venha conhecer sua nova irmã.

A luz do sol entrava timidamente pela janela junto com o cheiro horroroso que a Cidade Ferro tinha. Juno se sentou confusa na cama, quis sorrir para aquele bebê ruivinho, mas não conseguiu, Lana está ali só confirmava o que ela já esperava, a história da farmácia não tinha sido um sonho.

- Mãe... - Disse Juno com os olhos marejando automaticamente.

- Calma e me escuta...

Juno demorou alguns dias pra digerir tudo o que tinha acontecido, não via Azak a dias e Duc também tinha passado varias noites fora de casa, provavelmente com o amigo, desde o funeral do Mak, Grace tentara o convencer a morar com os Hollyver, mas ele negou todas as vezes.

Os três meses seguintes Juno viu a Sra. Copper ir na casa dela pelo menos umas cinco vezes e aplicar a mesma injeção na pequena Lana, Duc também só deve ter aparecido em casa uma vez por semana, estava



trabalhando de carregador com Azak e chegava sempre com alguns legumes e as vezes, frutas. Sempre rápido sem conversar muito, só falava que estava dormindo em Azak. Mas o fato de não ter notícias do corpo do seu pai tinha o tirado do sério.

Seis meses depois da explosão, uma correspondência formal foi entregue por um mensageiro da guarda que bateu nas primeiras horas do dia na porta da casa do Hollyver, Grace escondeu Lana que dormia embaixo da cama e abriu a porta ainda enrolada no roupão de crochê.

Quando o homem entrou, Juno acordou com o bater de suas botas no chão velho da casa, ela continuou deitada. - So estamos eu e minha filha senhor. - Falou Grace de cabeça baixa.

O Homem a ignorou, ele segurava o capacete em baixo do braço, tinha o cabelo black armadinho pro alto e os olhos em um tão lilásque assustaram Juno. Ele andou até o banheiros e se convenceu que só tinha elas duas, Juno não quis perguntar por Lana, sua mãe lhe dava alguns olhares significativos, toda vez que o homem virava as costas.

Ele entregou a carta e desceu as escadas. Era uma carta em papel que tinha um leve tom roxo com uma selo de cera o lacrando.



- Vai ficar tudo bem. - disse sua mãe deixando a carta ainda lacrada em cima da mesa.

Juno já não aguentava mais escutar aquela frase, já não sentia que nada ia ficar bem, tinha passado os seis últimos meses, tentando ajudar sua mãe, fazendo todos os crochês que ela vendia no mercado das pulgas e indo vender, enquanto Duc aparecia quando queria, se tinha uma coisa que não iria acontecer, era ficar tudo bem.

Duc chegou aquela noite assustado, tinha escutado que alguns guardas tinham ido até sua casa pela cidade. Grace apontou para a carta ainda lacrada em cima da cama, Juno não iria sair da cozinha, queria saber mais do que tudo o que tinha ali, já era tarde, achava que sua mãe não tinha aberto ainda por que ela não tinha ido dormir ainda.

Duc abriu, não queria nem saber se Juno iria escutar ou não, já tinha mais de seis meses que não conversava com sua irmã direito, era sempre um oi ou um aceno de cabeça.



CIDADE CAPITAL DE GUIA
NOTIFICAÇÃO OFICIAL DO GOVERNO

Após investigação detalhada do terrorismo a Cidade Guia em uma de suas instalações de pesquisa e centro de saúde, foi descoberto o responsável pelos atos criminosos contra a união e o descumprimento da Lei Lilás de Acordo, estabelecido pelos Livro dos Navegadores no começo dos tempos

JOHN HOLLYVER,
filho de **OLINA HOLLYVER** e **VITARO**
HOLLYVER

é declarado pela justiça do tribunal primario como culpado pelo terrorismo da explosão do Laboratório Médico e Pesquisa Jumber.

Pericia detalhada da Guarda-Guia:
Foi confirmado pela remontagem do Tubo de Identificação, que o então JOHN HOLLYVER acessou a farmacia minutos antes do ato, levando a morte do doutor Adam Jumber.

Como punição pelo seus atos, toda a familia perde o acesso a comercialização no dia do Mercado da Sucata e impossibilitando de dar continuidade ou futuros projetos na área das fábricas.



A fábrica pertencente a família será BLOQUEADA e rewtirado dos domínios da família por tempo indeterminado.

Geraldi D. Norte

Geraldi Danyel Norte
Governador de Guia/Presidente da Nortech

Juno estava em choque com o final da carta, Duc olhou dos dois lados do papel, como se não tivesse entendendo tudo o que aquilo queria dizer, se apoiou na pia pra pensar. E depois socou a mesma, assustando Juno.

- Eles podem fazer isso? - Perguntou Duc olhando para a mãe sobre os ombros.

- Eles podem fazer o que quiserem. - Respondeu Grace sem felicidade.

- Daqui a três meses eu terei que viajar pra Guia pra desbloquear minha marca... - Falou Duc com a voz carregada de odio que chegava soltava gotas de cuspe. - COMO?

Um choro veio do quarto, Grace levantou lançando um olhar de repreensão para o rapaz que parecia estar com a barba maior e com grandes olheiras, ela entrou no



quarto pra acalmar a criança e foi a primeira vez em algumas semanas que Duc olhou diretamente para Juno.

Ela estava sem sorrir, apenas segurando as agulhas de crochê, olhando pro seu irmão desanimado com o papel nas mãos.

Ele respirou fundo, molhos os labios, e quase soltou a letra A, mas engoliu, abriu a porta que estava no alcance da sua mão, e saiu tarde da madrugada rua a fora.

Juno se sentia derrotada, não podia fazer muita coisa, agora com essa nota pública, algumas pessoas saberiam que seu pai talvez fosse o culpado por tudo. Ela lembrou do surto do irmão gritando sobre seu desbloqueio e olhou pela primeira vez para a sua marca, ela sempre esteve ali, sem ela parar pra entender o significado de verdade, ela tinha cinza intenso, com um cadeado também cinzentono centro, pensou na marca dos seus pais, que eram em tom laranja-avermelhado, chegavam emitir uma pequena luz quando estavam em um local escuro, com uma engrenagem de maquina adornando seu centro.

A mesma marca se repetia em todo adulto que Juno conhecia, no tio Mak, no pai de Karen, na Sra. Copper, todos tinham a marca laranja, com a engrenagem no meio, o simbolo da Cidade Ferro.



- 01 -

FAMÍLIA HOLLYVER

- JUNO -





[6 ANOS DEPOIS]

- Quando você vai parar de encarar isso hein? - Perguntou Azak se sentando ao lado de Juno na escadinha de entrada da casa dos Hollyver.

Juno abriu um sorriso tímido, e parou no mesmo momento de olhar para o sua marca cinzenta.

Azak e Duc tinham acabado de voltar do mercado, estavam nitidamente sujos e pareciam cansados. Trabalhavam como carregadores uma vez por mês na porta do mercado e sempre se reuniam com Juno na entrada da casa para comerem frutinhas de Cipomela recém compradas da cidade Bosque, tradição que sempre faziam com seus pais.

Mas Juno parecia mais desconfortável que o normal. A três dias Juno tinha completado dezoito anos e faltava bemenos de uma semana para o dia do desbloqueio, sempre aguardou esse dia, mas depois do que aconteceu no desbloqueio de Duc, toda sua vontade tinha se tornado medo.

- O desbloqueio ta chegando eu também fiquei assim... encarando esse cadeado, com medo de fazer parte dos 2% - Disse Duc dando uma golada na água.



- Não, nada disso, Juno não é tão azarada igual você Duc. - Falou Azak de forma descontraída.

- Acho que estou ansiosa mesmo é para ver o Manto.
- Disse Juno tentando deixar o assunto mais leve.

- Foi a melhor parte pra mim. - Disse Azak. - Um Desbloqueio... Normal é até tranquilo, você só entra numa cabine fala umas coisas e sai. - Azak falou encostando os cotovelos no degrau de trás.

Ele levantou seu pulso esquerdo para cima mostrando sua marca avermelhada e brilhante.

- E Depois você vai ficar pra sempre com esse belezinha aqui.

Ela não resistiu olhou novamente para a sua marca cinzenta e com um cadeado no centro.

- Acho melhor entrarmos, não quer ficar pra jantar Azak? - Perguntou Duc.

- Ah, não, obrigado. - Disse Azak dando um sorriso de canto e se levantando. - Até mais Hollyvers! - atravessando a rua e se espremendo em um beco.

Azak tinha um cabelo ainda volumoso e lindo, usava repetidamente a mesma blusa laranja com bordas azuis e